

**Relato de campo: Caminhada etnográfica pela região do baixo Augusta, atividade do Curso Sesc de Gestão Cultural, do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, no dia 13/12/2013. Trecho: Rua Augusta, da esquina da Paulista até a Praça Roosevelt. Participantes: Ana Cristina Silva, Ana Leite Furtado, Cinara Gomes, Daniel Douek, Daniela Ribas, José Guilherme Magnani, Juliana Antunes, Vanda Mafra Falcone e Vicente Coiffi. Relato: José Guilherme Magnani**

Terminada a palestra “Identidades e Diversidades Culturais” seguimos, Daniel Douek, eu e Rosana Catelli, da sede do Sesc Vila Mariana, de metrô, até a estação Consolação, para um lanche, antes de começar a atividade. Escolhemos o tradicional Frevinho e lá já estava um grupo do curso, em animada conversa e com o *paper* “A rua Quinze, de praça a praça: um exercício antropológico” – que tinha sido indicado no curso para fundamentar a caminhada – sobre a mesa (entre alguns copos de chopp...). Pouco tempo depois Danilo Cymrot juntou-se à nossa mesa e, terminada a rápida refeição, dirigimo-nos ao ponto de encontro combinado para todos os participantes, no espaço em frente ao Shopping Center 3, na avenida Paulista. Tivemos de abrir espaço no meio da multidão formada em torno de um coral natalino e de uma apresentação de *covers* de Michael Jackson.

Daniel e Maurício Trindade coordenaram a divisão dos grupos e a distribuição dos trajetos: rua Augusta, rua Haddock Lobo e rua Frei Caneca, todos finalizando na Praça Roosevelt, para compartilhar os achados da expedição – alguém, ainda na palestra (e bem a propósito) havia falado em “dádiva”, numa alusão à tríade *dar/receber/retribuir*, de Marcel Mauss, citada naquele contexto. Ao nosso grupo – composto por três “nativas” (Ana Cristina Silva, Juliana Antunes, Vanda Mafra Falcone) e três “estrangeiros” (Cinara Gomes, de BH, e Ana Leite Furtado e Vicente Coiffi, de São José dos Campos), além de mim e de dois pesquisadores do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc (Daniel Douek e Daniela Ribas) coube a Rua Augusta.

Começamos o trajeto abrindo caminho por entre o grande fluxo de pessoas que cruzavam a esquina da Augusta e Paulista e as que subiam pelas calçadas do primeiro quarteirão da Augusta: eram 19:00 e muitos daqueles transeuntes estavam saindo dos respectivos trabalhos – lojas do *shopping* e demais estabelecimentos da região.

Para começar alguma interação com os “atores”, perguntei a um dos inúmeros vendedores de CDs piratas em quanto tempo – em caso de súbito aparecimento do “rapa” – conseguiria recolher sua mercadoria, exposta num dispositivo acionado por barbantes, em cima de uma caixa de papelão: 10 segundos, disse ele e para comprovar, fez a demonstração. Animados com a receptividade, perguntamos ao seguinte e a resposta foi: 1 segundo! Este, contudo, pediu para não tirarmos fotos, pois ficaria identificado e mais vulnerável.



Figura 1: Estrutura montada para venda de DVDs piratas na rua Augusta. Foto: Dani Ribas.

Mais diante, abordamos um senhor de terno escuro e gravata, que nos acompanhava, fotografando, desde o começo da caminhada: acerquei-me perguntei por que estava assim, vestido de maneira tão formal, naquele cenário: era segurança de um prédio. As meninas aproveitaram a ocasião e engataram uma rápida entrevista com ele.



Figura 2 Ana Leite Furtado e Cinara Gomes entrevistam transeunte na rua Augusta. Foto: Dani Ribas.

Cruzando a rua Luiz Coelho, deparamo-nos com uma imensa fila, até pensei que era a entrada para o cinema, mas não: era uma balada, estilo *matinée*, no Bovinu's, segundo nos informaram duas frequentadoras. Muito boa, por sinal, assegurou uma delas. E em todo o percurso, até então, muitos bares, com gente para fora, bebendo e conversando na calçada.

Já na próxima esquina, com a Matias Aires, esperando abrir o sinal para cruzar, uma moça comentou indignada, alto e bom som, a manobra radical de um skatista em plena rua (certamente estava se dirigindo à Praça Roosevelt), colocando em perigo, segundo ela, os transeuntes e especificamente, uma criança. Aproveitei a oportunidade, dei corda e ela soltou verbo, “que aquilo era um absurdo, que o cara queria se exhibir, sem ligar para a segurança dos demais”. Tipo assim, um rápido libelo sobre cidadania e usos do espaço público... E lá se foi ela, ainda indignada.

Juliana apontou, no outro lado da rua, para uma galeria repleta de caixotes cheios de mercadorias: explicou que era uma nova modalidade de loja em que o interessado aluga um daqueles caixotes, coloca seus produtos à venda, devidamente protegidos por um dispositivo de alarme, e o cliente paga diretamente no caixa, sem contato com o vendedor. Fomos lá conferir: era imenso, com bijuterias, óculos, bolsas, carteiras, lenços e demais miudezas – adquiridas na rua 25 de Março e ali vendidas pelo triplo do preço, segundo nossa informante.



Figura 3 Nova modalidade de loja na rua Augusta. Foto: Dani Ribas.

Esquina com a rua Peixoto Gomide: de um lado o posto de gasolina e no outro, muros e casas cobertas de pichação. Naquele momento, ninguém na calçada, mas uma das integrantes do grupo observou que tarde da noite aquilo ali ferve, com jovens bebendo na rua, provavelmente uma galera sem muita grana.

Deparamo-nos com estabelecimentos bem inusitados como o Z Carniceria, na esquina da rua Costa, um sofisticado *pub* que lembrava a antiga ocupação do imóvel – um açougue – exibindo na decoração instrumentos como cutelos, ganchos, facas, etc. – todos originais, garantiu o porteiro e segurança, diante de nossa curiosidade. Em seguida, um salão de beleza também bastante original, lá dentro havia um carro antigo e segundo Daniela, ao que parece frequentadora, este salão se caracteriza pelo bom acolhimento, além da qualidade do serviço oferecido: café, cerveja gelada grátis enquanto se espera a vez, estacionamento a preços módicos...



Figura 4 Entrada do Z Carniceria, estabelecimento na rua Augusta.

Do outro lado da rua, mais um salão em que o trato no cabelo e unhas era acompanhado por um DJ! Seguindo o trajeto, uma loja de chamativos sapatos, sandálias e botas, de números 40 a 44, claramente voltados para uma clientela bem específica... Ao lado dessa vitrine de calçados, outra com modelitos (ou modelões?) de ousados figurinos. Para o mesmo público, certamente.



Figura 5 Vitrine de loja na rua Augusta. Foto: Dani Ribas.

Continuamos o trajeto que, de repente, ficou mais ermo. Lojas fechadas, cortinas de ferro, descidas, de estabelecimentos aparentemente voltados para comércio convencional e diurno; afinal, já era noite. Dava para notar também uma sucessão de estacionamentos, primeiro passo na destinação de terrenos para construção de edifícios; tapumes cada vez mais frequentes confirmavam a tendência de “gentrification” da rua Augusta, processo de transformação dessa região de lazer e boemia, considerado até pouco tempo atrás marginal, em uso residencial. Sua privilegiada localização, entre o centro da cidade e a avenida Paulista, paralela à rua da Consolação, torna-a objeto de cobiça para a especulação imobiliária. Tendência que está rendendo controvérsia entre urbanistas, arquitetos, planejadores.



Figura 6 Tapume de obra na rua Augusta. Foto: Dani Ribas.



Figura 7 Prédio em construção na rua Augusta. Foto: Dani Ribas.

Estava já encafifado de não ter encontrado nenhum aluno pelas imediações quando deparei-me com um estudante do PPGAS/USP (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) num grupo que, imaginei, estava contemplando uma bela edificação *art déco*. Nada, estava mesmo se dirigindo a um salão de sinuca no outro lado da rua...

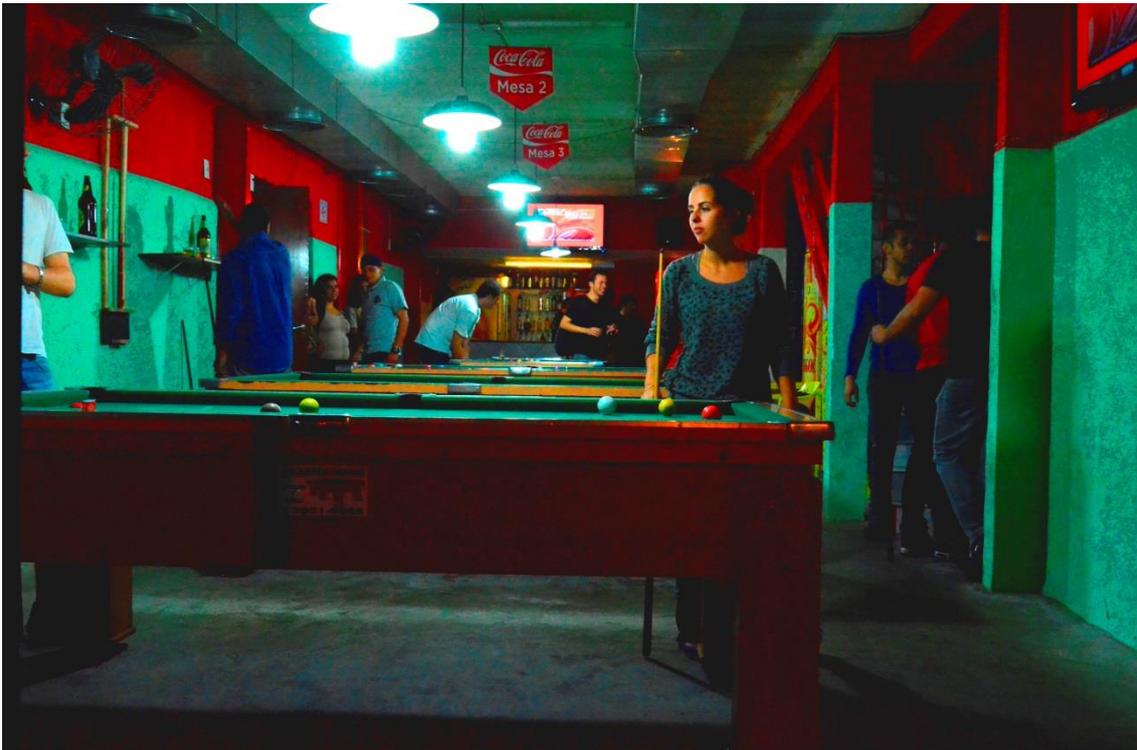


Figura 8 Salão de sinuca na rua Augusta. Foto: Dani Ribas.

Logo identifiquei o imóvel onde funcionava o restaurante Spazio Pirandello, do ator e agitador cultural Antonio Maschio, recentemente falecido; o antigo casarão de 1905, agora restaurado, abriga a cervejaria Piolin. Aproveitei para dar um breve histórico, para

os mais jovens do grupo, desse espaço, que foi marco de uma época, frequentado por intelectuais no período da redemocratização.

Juliana também ajudava nas informações para as múltiplas perguntas dos nossos “estrangeiros”, impressionados com a variedade e dinâmica do trajeto. Cruzando a rua Dona Antônia de Queiroz, caminhamos pela calçada ladeando um imenso terreno, meio estacionamento, com área verde, segundo ela em disputa entre moradores que querem transformá-lo em parque e a especulação imobiliária, de olho em mais um empreendimento. Do outro lado da rua, já perto da Praça Roosevelt, era possível ver imensos edifícios em construção.



Figura 9 Edifício em construção na rua Augusta. Foto: Dani Ribas.

Digna de nota, nessa parte da Augusta, é a Sorveteria Soroko (devíamos ter entrado!), pois foi objeto da pesquisa de Bruna Mantese e capítulo do livro *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade* (Editora Terceiro Nome, 2007) que organizei. Na época da pesquisa (2004) foi adotada por jovens *straight edgers*, cuja militância conseguiu fazer dessa pouco conhecida sorveteria um “pedaço” de veganos, contrários ao consumo de produtos de origem animal e neste caso, adeptos de um bom sorvete à base de leite de soja, conforme se pode ler no referido capítulo.

Em vez de subir as escadarias da praça, seguimos o trajeto até a rua Avanhandava, como estava previsto, por entre os restaurantes da “Famiglia Mancini”, que ocupam quase todo o espaço. Lá estava uma sinagoga, agora transformada em Museu e Daniel

tentou saber o preço dos aluguéis de apartamentos em edifícios residenciais antigos que ainda restavam por ali: um deles era de 2 mil reais fora o condomínio, acho.

Finalmente teve início a reunião geral numa das escadarias da praça, de frente para o intenso movimento, lá em baixo, da Radial Leste/Oeste. Foi a troca de “dádivas”, em que grupo apresentou, competindo com os ruídos da rua, o barulho dos skates e o ronco de um helicóptero sobrevoando a região, as primeiras impressões da caminhada.



Figura 10 Reunião geral do grupo numa das escadarias da Praça Roosevelt. Foto: Dani Ribas.

Duas observações, nos relatos, merecem destaque: Danilo, narrando o trajeto da rua Frei Caneca, enfatizou o fato de que, contrariamente ao estereótipo generalizante, a marca homossexual imputada a esse segmento precisa ser contextualizada: são múltiplas as manifestações no interior do universo LGBT envolvendo faixas etárias, preferências, transições, etc. Em segundo lugar, há também aí vida de bairro, com comércio convencional, velhinhas fazendo compras, etc. Nesse mesmo sentido, Dulci Lima, moradora de um dos prédios que ladeiam a praça, observou que nas imediações é possível sentir a dinâmica da vida cotidiana, em que os moradores e vizinhos se conhecem e se reconhecem – para além da visão de agito permanente que parece caracterizar a região.

Essas duas observações – sem levar em conta, ainda as demais – mostram como a dinâmica urbana tem como base e pressuposto a negociação, o tempo todo, do espaço público, entre os diferentes atores sociais, nem sempre sem conflitos e disputas. Na pesquisa que o NAU fez, há tempos, no Bixiga, (*Na metrópole: textos de antropologia urbana*, EDUSP), viu-se que a prática de lazer e a vida noturna dessa “mancha” urbana

se assentavam sobre a mesma malha que, durante o dia, era a base da vida cotidiana do bairro. Enfim, mais se poderia dizer sobre as observações colhidas, mas esta tarefa fica para um relatório mais conclusivo...

Para tanto, sugeri que cada participante registrasse suas observações na forma de um relato de campo, como este, para complementar a experiência etnográfica e servir de subsídio para um texto mais geral. Eram 21:40, clima agradável – em todos os sentidos – e fim do exercício.



Figura 11 Participantes do Curso Sesc de Gestão Cultural. Foto: Dani Ribas.

São Paulo, 14 de dezembro de 2013

José Guilherme C. Magnani